

Afife, 24 de Fevereiro de 2004

Exº Senhor Director do PÚBLICO

Uns dias atrás, parte de um dos noticiários no canal Sky News foi dedicado a problemas do ensino da matemática em Inglaterra: a falta de professores que se verifica desde há alguns anos, aliás como noutros países europeus, é talvez o maior. Em contraste, em Portugal há actualmente algumas centenas de jovens licenciados em cursos de matemática que não conseguem emprego no Ensino, que foi para muitos deles a sua primeira vocação e escolha profissional. Relativamente aos problemas do ensino da matemática é essa a nossa estranha especificidade: no resto, em especial nos fracos níveis de desempenho e interesse dos alunos, temos problemas análogos embora de maiores dimensões.

Ao ver aquele noticiário recordei conversas com amigos que são professores em Inglaterra e me dizem que apesar da falta de professores, nem por isso ficou mais fácil o acesso a essa profissão: os critérios de qualidade e formação têm sido mantidos e tem havido abertura à contratação de estrangeiros que satisfaçam esses critérios. Entre nós, pelo contrário, as políticas de contratação de professores de matemática na última década, quando ainda havia falta de docentes, sacrificaram critérios de qualidade à urgência da solução, sem visão de médio prazo e conduzindo à nossa exótica situação actual: o acto mais determinante, e funesto, foi, em legislação de 1998, a publicação de uma absurda lista de licenciaturas que se considerava darem habilitações para a docência – lá aparecia, passe o exagero, todo e qualquer curso que no nome tivesse a palavra engenharia.

Não quero aqui especular e discutir em que medida essas políticas foram responsáveis pelos maus resultados no ensino da matemática, mas que essa responsabilidade existe é certo. Escrevo com o intuito de, com a ajuda do PÚBLICO, deixar um alerta e um apelo para que os mesmos erros não sejam repetidos num futuro que está já próximo. Sabe-se que a passagem à reforma de muitos docentes no activo, a progressiva estabilização demográfica - para que contribuam os filhos dos imigrantes – e a extensão aos 12 anos da escolaridade obrigatória, trarão de novo uma carência de professores em certas áreas, em particular em matemática; têm-me dito, repetidamente, que será já a partir de 2008. É já agora mas, até lá, muitos dos jovens professores agora sem colocação terão procurado outros empregos, deteriorando e desperdiçando assim a sua formação inicial por falta de continuidade e prática; por outro lado a situação actual provocou uma diminuição drástica da procura dos cursos de

formação de professores e dos cursos de matemática que são em geral, mas erradamente, identificados àqueles.

Seria trágico, e uma absurda prova de incompetência, que, daqui a alguns anos e numa repetição do mesmo erro, fossem de novo licenciados sem preparação específica a ocupar os lugares vagos no ensino! E quem sabe se, ironicamente, com alguns dos actuais professores desocupados a terem encontrado a realização das suas vocações noutros países, como Inglaterra, que cuidam da qualidade do ensino com mais inteligência.

Sugestões? Para já e simplesmente, que se vá falando e pensando nesse futuro próximo, para evitar ter de recorrer depois à nossa superior cultura do improvisado, mas que em questões de educação – das crianças aos adultos - dá quase sempre maus resultados.

Com os melhores cumprimentos

Eduardo Francisco Rêgo

(Professor do Departamento de Matemática Pura da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto)

Morada: Largo 25 de Abril, n.º 70, 4900-012, AFIFE

Telefone: 962879021